

14-09-2023

Diálogos internos em ideias ... de Krenak (1)

EBULIÇÃO em nós

Adelany França

[Mestranda Escola Politécnica Joaquim Venâncio/Fiocruz]

Vontade de falar e ficar calada. De ver e ficar de olhos fechados. De comer nada, porque engolir fica a coisa mais difícil do mundo. Não sei, e sei muito bem. Entre o transitório e o definitivo definido. Possibilitemos a vida se fazer através de nós, num tempo de nossa própria humanidade, pois a vida tem seu fluxo contínuo de ritmo suave como a fala de Krenak em "Ideias para adiar o fim do mundo". Hoje eu aqui fico pensando e até queria pedir mais um pouquinho desse mundo com todos que amamos por aqui, só por hoje, só mais um pouquinho. Ah, se eu conseguisse adiar o fim desse mundo hoje!

Só o tempo de minha Dindinha ver seu único neto chegar e dar um beijo nela ainda viva. Ele embarcou na aeronave e chegou em 2 horas. Quando a aeronave decolou, ele sabia que ela ainda estava viva, quando estava em solo em São Luís, ela já tinha partido. Sensação de vazio cheio, um vazio cheio de dor, uma dor que eu não consigo descrever, é uma dor que dói muito, e que deixa uma tontura que não passa, uma dor no corpo que tritura. Não é talvez, é sim; E é não; É não para nós, que não queremos acreditar, sempre queremos que seja diferente do que está, de que lugar podemos tirar força para concordar com o sim, que já está dado. A sensação no corpo é uma dor que esfaca, fico perturbada, sem entender como se faz o movimento dentro de nós, que podemos ler, estudar e até estarmos apropriados de algum conhecimento sobre o luto, cuidados paliativos, sobre saúde mental, mas tudo é ínfimo diante da dor de perder um ente querido, de ver tudo desabar para os filhos naquela hora. Fico vendo a vida em nosso dia a dia, e os nós que ela dá, gosto de observar a vida, as pessoas que seguem e circulam no mundo, sinto uma espécie de morde e sopra em gente que faz serão quando acordo na madrugada para ver esse mundão. Pergunto sobre as nossas vontades. Vontades? Quais? De quê? Hoje, de nada, apenas de ficar em pé. De dar um sim para o nosso maior não. Tremenda confusão, que ninguém vê e todo mundo olha, porque está em profusão, é dentro de mim, e também do lado de fora, é da construção do meu "SER". A cabeça, o mental estremece, os pensamentos ficam totalmente aleatórios, parece que só o corpo fala nessa hora, e só nos conta sobre a dor. Na última quarta-feira, dia de GE-Multivisat, minha cabeça escaldava, ficava pensando, que bom sabermos que atrás da montanha tem um novo caminho, e que no meio do caos ainda temos o que nos acolhe, que bom estar ali com gente que amo naquele momento, mesmo das janelinhas da tela eu sentia que estava rodeada de amor na minha dor imensa. Naquele dia eu escutava as falas de potência das mulheres extraordinárias do Movimento Unido dos Camelôs - Muca, que iam se misturando ao pouco tempo que tinha para ouvi-las e, ao mesmo tempo, do pouco tempo que teria para estar com minha Dinda.

A partir dali eu ia ouvindo, e era um ir e vir de sentir, sentia e pensava a beleza de tanta força da minha Dinda e daquelas mulheres.

Cresci com aquela exuberância feminina num corpo de uma mulher enorme e linda, a mais velha das irmãs da minha mamãe e a que tinha a altura dos homens da família, num corpo elegante e longilíneo, com seus 75 anos.

Esbanjava uma jovialidade, mas passou a desacelerar com os desmaios que chegaram uns meses atrás, vieram as quedas corriqueiras que a fizeram pedir companhia para ir até a esquina da rua. Na última semana a queda foi ali mesmo no quintal de sua casa. Vi durante toda minha vida uma mulher que gostava e sabia cuidar das pessoas, com o desfile dela pela Maternidade, pelo Hospital Infantil e em sua casa, o cuidado dela com toda gente que passava por ela era muito suave e muito fácil se perceber, era tão ágil, circulava pra lá e pra cá entre as unidades que se fazia em um quarteirão no centro da cidade, e tudo com uma rapidez sem correr. Na minha época de criança todos os cuidados médicos eram direcionados para que ela analisasse as melhores medidas para seguir. Até, e depois do diagnóstico, fosse o que fosse, passava por ela. Eu ficava muito com ela na infância, circulava no hospital dias inteiros e tinha uma sensação de que eu andava com uma pessoa mega famosa, porque todo mundo que passava a conhecia e quem entrava pela primeira vez nas Unidades, sempre ia falar com ela.

Até hoje não sei como é ser multi, ela era multi, falava e fazia milhões de coisas ao mesmo tempo, e ainda cuidava de mim e de seus filhos, o mesmo cuidado que teve com a minha mãe no momento mais delicado de nossas vidas, na partida intempestiva do meu papai. Ela escolheu o meu nome e dos meus irmãos, e no início deste ano eu perguntei para ela como havia chegado à construção do meu nome. Ela aproveitou e trouxe inúmeras fotos em que eu estava recém-nascida. Ela foi a primeira pessoa que me pegou no colo para entregar à minha mãe depois do parto, e quem recebeu toda a geração de sobrinhos logo ali na hora do nascimento. Escolhida para ser madrinha de um mundo de gente, todos os irmãos têm um filho que ela é Dinha.

Tudo, absolutamente tudo, era com ela, exames clínicos, vacinação, pediatra, emergência, urgência, festas e, no meu caso específico, o meu lazer em todos os finais de semana era também com ela, *full time*. Até quando minha mãe começou a namorar com meu padrasto e, a partir dali, tudo em minha vida ficou muito melhor, os cuidados de uma pessoa responsável que nos recebe como filha, pode fazer uma grande diferença na vida de uma criança, na minha fez. No dia de sua despedida revi a minha infância chegando para se despedir dela, a moça da cantina, dona Maria que trabalha no mesmo lugar há mais de 50 anos, a Dona Mocinha que cuidava da casa dela naquela época. Eu a conhecia muito porque vivia lá com os meus primos, diga-se a mais levada de todos era eu. Tristes, rimos juntas das lembranças dos meus feitos infantis. Minha Dinha estava aposentada fazia bastante tempo, mas o Hospital inteiro estava ali, parecia que estávamos naqueles corredores de novo e todo mundo falando com ela. Sei que você pode estar pensando! Não. Ela não era médica, mas tinha como propósito de vida cuidar das pessoas, ela chegou para trabalhar com o seu segundo grau completo, e tantos diretores passaram por lá e ela permanecia ali. Toda equipe médica a conhecia, do auxiliar de enfermagem até o cirurgião, do porteiro ao usuário, uma unidade hospitalar inteira, e minha prima me conta que ela fez das dela quando entrou na UTI e ainda estava consciente, ali também fez o amor transitar com ela naquela unidade, antes de sua partida, e possivelmente assim está fazendo o mesmo no lugar recém-chegada. ■ ■ ■

Referência: Krenak, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2019.

Nota: GE – Grupo de Estudos Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador